

A CONDIÇÃO DA MULHER MOÇAMBICANA E A POLIGAMIA COMO SISTEMA DE OPRESSÃO, EM BALADA DE AMOR AO VENTO, DE PAULINA CHIZIANE

Elisa Andrade Costa¹

Ana Carolina de Almeida Silva²

Lavínia Maria Alves da Cunha³

Pedro Henrique Martins da Silva⁴

Resumo

A leitura do romance *Balada de amor ao vento* (1990), de Paulina Chiziane, evidencia que a poligamia é representada como um pilar de manutenção da desigualdade entre homens e mulheres na sociedade moçambicana. A partir da trajetória da protagonista Sarnau, observa-se como ela absorve e sofre as normas patriarcais, aceitando a poligamia como algo natural em nome do amor e dos costumes. A narrativa mostra que essa prática ultrapassa a dimensão cultural e se configura como um mecanismo de controle que fere a liberdade emocional, corporal e econômica das mulheres. Conselhos que reforçam a submissão, a normalização da infidelidade masculina, a exigência de silêncio diante da dor e metáforas que comparam a mulher a objetos de uso evidenciam o caráter violento e desumanizador desse sistema. Dialogando com estudos críticos sobre a condição feminina e a poligamia na literatura moçambicana, o artigo analisa como o romance denuncia a legitimação social da violência e a redução da mulher a propriedade reprodutiva, bem como o impacto psicológico dessa opressão. Conclui-se que Chiziane constrói, por meio da voz de Sarnau, uma intervenção literária que problematiza a naturalização da poligamia e reivindica a emancipação feminina.

Palavras-chave: Mulher. Poligamia. Patriarcado.

Abstract

The reading of *Balada de Amor ao Vento* (1990), by Paulina Chiziane, reveals that polygamy is portrayed as a pillar sustaining gender inequality in Mozambican society. Through the trajectory of the protagonist Sarnau, the novel shows how she internalizes and suffers under patriarchal norms, accepting polygamy as natural in the name of love and tradition. The narrative demonstrates that this practice exceeds the cultural sphere and operates as a mechanism of control that violates women's emotional, bodily, and economic freedom. Advice that reinforces submission, the normalization of male infidelity, the demand for silence in the face of pain, and metaphors that liken women to objects of use expose the violent and dehumanizing character of this system.

¹ Mestre em Letras Vernáculas na área de Literatura Brasileira (UFRJ), docente do UGB-FERP.

² Discente do Curso de Letras do UGB-FERP.

³ Discente do Curso de Letras do UGB-FERP.

⁴ Discente do Curso de Letras do UGB-FERP.

In dialogue with critical studies on women's condition and polygamy in Mozambican literature, the article examines how the novel denounces the social legitimization of violence and the reduction of women to reproductive property, as well as the psychological impact of such oppression. It concludes that Chiziane constructs, through Sarnau's voice, a literary intervention that challenges the naturalization of polygamy and calls for women's emancipation.

Keywords: Women; Polygamy; Patriarchy.

1 Introdução

A escritora moçambicana Paulina Chiziane, nascida em 1955, em Manjacaze, província de Gaza, é reconhecida por conferir centralidade à figura da mulher africana em sua obra ficcional. Primeira mulher a publicar um romance em Moçambique, com *Balada de amor ao vento* (1990), e primeira mulher africana distinguida com o Prêmio Camões, Chiziane inscreve, na literatura de língua portuguesa, narrativas que desvelam o cotidiano, os conflitos e as resistências das mulheres em uma sociedade marcada por estruturas patriarcais e por um passado colonial traumático.

Sua trajetória política e social, marcada pela participação na luta pela independência, na guerra civil e, posteriormente, em organizações de mulheres, como o Núcleo das Associações Femininas da Zambézia, permeia seus textos, que tematizam a experiência da mulher negra em uma sociedade em que patriarcado e tradição frequentemente se articulam para restringir a autonomia feminina.

Em *Balada de amor ao vento*, a autora narra a história de Sarnau, mulher camponesa cuja vida é atravessada pelo amor, pelo casamento e pela poligamia. A partir do ponto de vista dessa narradora-protagonista, o romance apresenta a inserção da mulher moçambicana em um contexto no qual normas tribais, costumes e poder masculino determinam seu destino. A obra dialoga com outras narrativas de Chiziane, como *Niketché: uma história de poligamia* (2002), nas quais a autora discute a poligamia não apenas como prática cultural, mas também como mecanismo de subalternização feminina.

Este artigo tem como objetivo analisar a condição da mulher moçambicana e a poligamia como sistema de opressão em *Balada de amor ao vento*. Para isso, discute-se como o romance representa a poligamia não apenas como uma prática tradicional,

mas como um dispositivo que naturaliza a desigualdade de gênero, legitima a violência simbólica e física e transforma o amor em instrumento de dominação. A análise articula a leitura do texto literário com estudos críticos sobre a obra de Chiziane e sobre a situação da mulher moçambicana na sociedade patriarcal contemporânea.

2 Entre tradição e modernidade: gênero e poder em Moçambique

Os estudos sobre a obra de Paulina Chiziane destacam que sua escrita se insere na literatura moçambicana pós-independência, marcada pela reconstrução identitária do país e pela problematização das relações de poder herdadas da colonização e mantidas pelo patriarcado. Em *Balada de amor ao vento*, críticos apontam que o romance constrói um “eu feminino” que narra a própria formação em meio às tensões entre tradição e desejo pessoal, configurando um Bildungsroman feminino, isto é, um romance de formação que acompanha o processo de constituição subjetiva da protagonista, marcado por aprendizagens afetivas, sociais e morais, em um contexto africano atravessado por normas coletivas, estruturas patriarcais e conflitos entre identidade individual e tradição.

Além disso, diferentes pesquisas enfatizam que, na ficção de Chiziane, o regime de poligamia aparece como um ponto de intersecção entre questões políticas, culturais e religiosas, e como espaço privilegiado para discutir a condição da mulher moçambicana, frequentemente presa a uma estrutura social machista incompatível com a igualdade de gênero.

Estudos sobre Niketche: uma história de poligamia – romance que aprofunda o debate sobre o tema – lembram que a poligamia, em certos contextos, é apresentada como tradição, mas, na prática, pode ser usada para justificar a manutenção do poder masculino e a inferiorização das mulheres, deslocando-se de um rito cultural para um dispositivo de controle do corpo feminino. Nessa perspectiva, autores como Francisco (2012) e Camargo (2017) ressaltam que a literatura de Chiziane evidencia simultaneamente a subalternidade e a resistência feminina, ao mostrar protagonistas que questionam o lugar que lhes é imposto na família e na comunidade.

De modo mais amplo, pesquisas sobre a mulher moçambicana indicam que a sociedade contemporânea ainda convive com práticas e discursos que reforçam a

hierarquia de gênero, como a valorização do casamento, a centralidade da maternidade e a figura do homem como chefe da família. Dentro desse quadro, a poligamia é lida por diversas autoras e autores como uma instituição que expõe, de forma aguda, a desigualdade de poder entre homens e mulheres, transformando o corpo feminino em espaço de disputa simbólica, econômica e afetiva. A partir dessas análises, é possível compreender *Balada de amor ao vento* como um texto que participa de uma intervenção literária e política, uma vez que evidencia a voz de Sarnau no centro da narrativa e, por isso, questiona a naturalização da poligamia e explicita seus efeitos sobre a subjetividade das mulheres, contribuindo para o debate afrofeminista e pós-colonial sobre gênero em Moçambique.

2.1 A poligamia como naturalização da subalternidade feminina

Desde o início do romance, a relação de Sarnau com o amor e com o casamento é mediada pela ideia de que o homem pode – e deve – ter várias mulheres. A fala da personagem “Eu aceito ser a segunda mulher, ou terceira, como quiseres. Se tivesses dez mulheres eu seria a décima primeira” (CHIZIANE, 2003, p. 29) revela uma subjetividade moldada por um discurso que associa amor à renúncia de si. Sarnau se dispõe a ocupar qualquer posição na hierarquia conjugal, desde que consiga permanecer ao lado do homem amado.

Essa disposição evidencia, como apontam as críticas sobre a condição feminina na obra de Chiziane, que as personagens internalizam normas patriarcais que naturalizam sua inferioridade, apresentando a subordinação como prova de amor e virtude. A poligamia, nesse sentido, não surge apenas como costume externo, mas como lógica que atravessa a subjetividade das mulheres e orienta suas escolhas, mesmo quando lhes causa dor.

2.2 Patriarcado, disciplina e violência simbólica

Ao longo da narrativa, as vozes das mais velhas – sogras, tias, mulheres da comunidade – funcionam como mediadoras do patriarcado, ensinando Sarnau a se comportar como “boa esposa”. O conselho “o homem é o Deus na terra, teu marido,

teu soberano, teu senhor, e tu serás a serva obediente, escrava dócil” (CHIZIANE, 2003, p. 45) sintetiza uma visão de mundo em que a autoridade masculina é sacralizada e a obediência feminina é revestida de honra e devoção.

As pesquisas sobre a ficção de Chiziane destacam justamente esse mecanismo de legitimação da subalternidade: as próprias mulheres, socializadas nessa estrutura, acabam por reproduzir discursos que reforçam o poder masculino, o que torna a opressão mais difícil de ser percebida e combatida. A poligamia, assim, aparece como ponto de convergência entre tradição, religião e organização familiar, transformando-se em um sistema em que a violência física e simbólica é apresentada como “disciplina” ou “correção”, como ocorre na cena em que o marido justifica a bofetada que dá em Sarnau como forma de ensinar-lhe a não sentir ciúmes.

Além da violência explícita, o romance evidencia a violência simbólica, isto é, aquelas práticas de desvalorização e silenciamento que se infiltram no cotidiano. Quando Sarnau é aconselhada a “fechar a boca” e “não chorar” ao ver o marido com outra mulher (CHIZIANE, 2003, p. 47), a dor feminina é deslegitimada, e a poligamia se afirma como regime em que o sofrimento das mulheres é invisibilizado em nome da preservação da honra masculina e da família.

2.3 Objetificação, economia do corpo e maternidade compulsória

Outro eixo importante da narrativa é a associação entre mulher, trabalho e reprodução, que evidencia a instrumentalização do corpo feminino no interior das relações familiares e comunitárias. Em metáforas como “o lar é um pilão e a mulher o cereal” (CHIZIANE, 2003, p. 48), o corpo da mulher é comparado a uma matéria-prima destinada ao desgaste contínuo, a ser triturada para garantir a manutenção e a felicidade da família. Essa imagem sugere não apenas esforço físico e emocional, mas também a naturalização do sofrimento feminino como condição necessária para a estabilidade do lar.

Críticos da obra de Chiziane apontam que representações desse tipo evidenciam o quanto as personagens femininas são reduzidas a funções utilitárias - cozinhar, procriar, servir -, o que reforça a compreensão da poligamia não apenas como prática cultural, mas como um sistema econômico que organiza a circulação das

mulheres entre famílias e linhagens. Nesse sistema, o valor da mulher é medido por sua produtividade doméstica e reprodutiva, sendo sua permanência no casamento condicionada ao cumprimento dessas expectativas.

Essa dimensão econômica aparece de forma explícita na passagem em que se afirma que a mulher deve parir filhos, “de preferência varões”, e que, caso o “rendimento” não alcance o patamar esperado, ela pode ser devolvida à família de origem para que se “recomece o negócio com outra família” (CHIZIANE, 2003, p. 68). A exigência da maternidade, associada à preferência por filhos homens, evidencia a centralidade da reprodução na legitimação da mulher dentro da estrutura familiar poligâmica.

A linguagem comercial utilizada por meio dos termos “rendimento, negócio e devolução” explicita relações de troca nas quais a mulher é tratada como mercadoria, confirmando análises que identificam na poligamia um dispositivo de controle da capacidade reprodutiva feminina, inserido em uma lógica patriarcal e patrimonialista. Desse modo, o romance evidencia como amor, casamento e maternidade são atravessados por relações de poder que reduzem a mulher a um recurso econômico e simbólico, apagando sua subjetividade e autonomia.

3.4. Impacto psicológico e ambivalência do amor

A dimensão talvez mais contundente da denúncia de Chiziane reside na forma como o romance representa o impacto psicológico da poligamia sobre Sarnau, evidenciando as marcas subjetivas produzidas por esse regime na vida das mulheres. Em cenas de intensa carga emotiva, como aquela em que a protagonista se percebe como um “cadáver” ao flagrar o marido com outra mulher em sua própria cama (CHIZIANE, 2003, p. 58), a narrativa explicita uma experiência de morte simbólica, de esvaziamento identitário e de anulação do eu, que acompanha a mulher inserida em uma estrutura conjugal fundada na desigualdade.

Essa sensação de apagamento não se limita ao sofrimento momentâneo, mas revela um processo contínuo de desgaste emocional, no qual o corpo e a subjetividade femininos são reiteradamente desvalorizados. Ainda assim, o romance evita reduzir essa vivência a uma oposição maniqueísta entre amor e ódio. Sarnau reconhece que

o marido a ama “com a sua maneira polígama de amar” e, simultaneamente, experimenta arrependimento, humilhação e desejo de morte (CHIZIANE, 2003, p. 117), o que evidencia a complexidade afetiva que marca sua relação com o casamento e com o próprio sentimento amoroso.

Essa dualidade em torno dos contrastes entre amar e sofrer, desejar permanecer e, ao mesmo tempo, querer desaparecer é central para a crítica de Chiziane, pois revela que o problema não reside unicamente no afeto em si, mas na forma como o amor é capturado e instrumentalizado por uma estrutura de poder desigual. Inserido em um sistema patriarcal, o amor deixa de ser experiência de reciprocidade e torna-se mecanismo de sujeição, por meio do qual se exige da mulher renúncia, silêncio e autossacrifício.

Pesquisas sobre a narrativa de *Balada de amor ao vento* apontam que a voz de Sarnau, ao expor suas contradições e dilemas, constitui-se como espaço de resistência simbólica, na medida em que torna visível aquilo que a própria tradição busca silenciar: a dor, a revolta, a frustração e o desejo de ruptura das mulheres. Desse modo, o romance articula denúncia e sobrevivência, mostrando que, mesmo em meio à opressão, há fissuras por onde a consciência crítica pode emergir e questionar a naturalização da violência e da subalternidade feminina.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Balada de amor ao vento* permite afirmar que, na narrativa de Paulina Chiziane, a poligamia é representada como sistema de opressão que articula tradição, patriarcado e economia do corpo feminino. Partindo da experiência de Sarnau, o romance evidencia como a sociedade moçambicana legitima a subalternidade das mulheres por meio de discursos de honra, amor e religiosidade, ao mesmo tempo em que naturaliza a infidelidade masculina, a violência física e simbólica e a objetificação da mulher como propriedade reprodutiva.

Ao dialogar com estudos críticos sobre a condição feminina em Moçambique e sobre a obra de Chiziane, percebe-se que *Balada de amor ao vento* antecipa e complementa discussões aprofundadas em outros romances da autora, como *Niketché: uma história de poligamia*, compondo um projeto literário que denuncia as

estruturas de poder que silenciam as vozes femininas e, ao mesmo tempo, lhes devolve centralidade narrativa.

O romance mostra que a poligamia não pode ser compreendida apenas como herança cultural neutra; ela se revela, na perspectiva de Sarnau, como prática que fere a dignidade e a autonomia das mulheres, produzindo marcas profundas em suas subjetividades. Ao transformar essa experiência em literatura, Chiziane contribui para ampliar o debate sobre gênero, tradição e poder em Moçambique e no contexto mais amplo das literaturas africanas de língua portuguesa.

Logo, a obra reafirma o papel da literatura como espaço de crítica social e de construção de novos imaginários possíveis, em que a emancipação feminina e a revisão de práticas naturalizadas de opressão se colocam como urgências éticas e políticas.

5. REFERÊNCIAS

BOHRZ, Julian; ALÓS, Anselmo Perez. ***O sol de Balada de Amor ao Vento***. [S.l.: s.n.], [s.d.].

CHIZIANE, Paulina. ***Balada de Amor ao Vento***. 2. ed. Maputo: Ndjira, 2003.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. ***A condição feminina em Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane***. 2012. 170 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

MENDES, Renata Alves. ***Poligamia e patriarcado na literatura moçambicana contemporânea***. Revista Letras em Movimento, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 112-128, 2020.

SANTOS, Gilberto Luis dos. ***A representação da mulher na obra de Paulina Chiziane***. Revista de Estudos Africanos, Lisboa, v. 12, n. 2, p. 45-60, 2018.

SILVA, Mariana Ferreira da. ***Gênero e opressão nas narrativas africanas***. São Paulo: Horizonte Literário, 2019.

1 Introdução

A escritora moçambicana Paulina Chiziane, nascida em 1955, em Manjacaze, província de Gaza, é reconhecida por conferir centralidade à figura da mulher africana em sua obra ficcional. Primeira mulher a publicar um romance em Moçambique, com *Balada de amor ao vento* (1990), e primeira mulher africana distinguida com o Prêmio Camões, Chiziane inscreve, na literatura de língua portuguesa, narrativas que desvelam o cotidiano, os conflitos e as resistências das mulheres em uma sociedade marcada por estruturas patriarcais e por um passado colonial traumático.

Sua trajetória política e social, marcada pela participação na luta pela independência, na guerra civil e, posteriormente, em organizações de mulheres, como o Núcleo das Associações Femininas da Zambézia, permeia seus textos, que tematizam a experiência da mulher negra em uma sociedade em que patriarcado e tradição frequentemente se articulam para restringir a autonomia feminina.

Em *Balada de amor ao vento*, a autora narra a história de Sarnau, mulher camponesa cuja vida é atravessada pelo amor, pelo casamento e pela poligamia. A partir do ponto de vista dessa narradora-protagonista, o romance apresenta a inserção da mulher moçambicana em um contexto no qual normas tribais, costumes e poder masculino determinam seu destino. A obra dialoga com outras narrativas de Chiziane, como *Niketché: uma história de poligamia* (2002), nas quais a autora discute a poligamia não apenas como prática cultural, mas também como mecanismo de subalternização feminina.

Este artigo tem como objetivo analisar a condição da mulher moçambicana e a poligamia como sistema de opressão em *Balada de amor ao vento*. Para isso, discute-se como o romance representa a poligamia não apenas como uma prática tradicional, mas como um dispositivo que naturaliza a desigualdade de gênero, legitima a violência simbólica e física e transforma o amor em instrumento de dominação. A análise articula a leitura do texto literário com estudos críticos sobre a obra de Chiziane e sobre a situação da mulher moçambicana na sociedade patriarcal contemporânea.

2 Entre tradição e modernidade: gênero e poder em Moçambique

1 Introdução

A escritora moçambicana Paulina Chiziane, nascida em 1955, em Manjacaze, província de Gaza, é reconhecida por conferir centralidade à figura da mulher africana em sua obra ficcional. Primeira mulher a publicar um romance em Moçambique, com *Balada de amor ao vento* (1990), e primeira mulher africana distinguida com o Prêmio Camões, Chiziane inscreve, na literatura de língua portuguesa, narrativas que desvelam o cotidiano, os conflitos e as resistências das mulheres em uma sociedade marcada por estruturas patriarcais e por um passado colonial traumático.

Sua trajetória política e social, marcada pela participação na luta pela independência, na guerra civil e, posteriormente, em organizações de mulheres, como o Núcleo das Associações Femininas da Zambézia, permeia seus textos, que tematizam a experiência da mulher negra em uma sociedade em que patriarcado e tradição frequentemente se articulam para restringir a autonomia feminina.

Em *Balada de amor ao vento*, a autora narra a história de Sarnau, mulher camponesa cuja vida é atravessada pelo amor, pelo casamento e pela poligamia. A partir do ponto de vista dessa narradora-protagonista, o romance apresenta a inserção da mulher moçambicana em um contexto no qual normas tribais, costumes e poder masculino determinam seu destino. A obra dialoga com outras narrativas de Chiziane, como *Niketché: uma história de poligamia* (2002), nas quais a autora discute a poligamia não apenas como prática cultural, mas também como mecanismo de subalternização feminina.

Este artigo tem como objetivo analisar a condição da mulher moçambicana e a poligamia como sistema de opressão em *Balada de amor ao vento*. Para isso, discute-se como o romance representa a poligamia não apenas como uma prática tradicional, mas como um dispositivo que naturaliza a desigualdade de gênero, legitima a violência simbólica e física e transforma o amor em instrumento de dominação. A análise articula a leitura do texto literário com estudos críticos sobre a obra de Chiziane e sobre a situação da mulher moçambicana na sociedade patriarcal contemporânea.

2 Entre tradição e modernidade: gênero e poder em Moçambique

Os estudos sobre a obra de Paulina Chiziane destacam que sua escrita se insere na literatura moçambicana pós-independência, marcada pela reconstrução identitária do país e pela problematização das relações de poder herdadas da colonização e mantidas pelo patriarcado. Em *Balada de amor ao vento*, críticos apontam que o romance constrói um “eu feminino” que narra a própria formação em meio às tensões entre tradição e desejo pessoal, configurando um Bildungsroman

feminino, isto é, um romance de formação que acompanha o processo de constituição subjetiva da protagonista, marcado por aprendizagens afetivas, sociais e morais, em um contexto africano atravessado por normas coletivas, estruturas patriarcais e conflitos entre identidade individual e tradição.

Além disso, diferentes pesquisas enfatizam que, na ficção de Chiziane, o regime de poligamia aparece como um ponto de intersecção entre questões políticas, culturais e religiosas, e como espaço privilegiado para discutir a condição da mulher moçambicana, frequentemente presa a uma estrutura social machista incompatível com a igualdade de gênero.

Estudos sobre Niketche: uma história de poligamia – romance que aprofunda o debate sobre o tema – lembram que a poligamia, em certos contextos, é apresentada como tradição, mas, na prática, pode ser usada para justificar a manutenção do poder masculino e a inferiorização das mulheres, deslocando-se de um rito cultural para um dispositivo de controle do corpo feminino. Nessa perspectiva, autores como Francisco (2012) e Camargo (2017) ressaltam que a literatura de Chiziane evidencia simultaneamente a subalternidade e a resistência feminina, ao mostrar protagonistas que questionam o lugar que lhes é imposto na família e na comunidade.

De modo mais amplo, pesquisas sobre a mulher moçambicana indicam que a sociedade contemporânea ainda convive com práticas e discursos que reforçam a hierarquia de gênero, como a valorização do casamento, a centralidade da maternidade e a figura do homem como chefe da família. Dentro desse quadro, a poligamia é lida por diversas autoras e autores como uma instituição que expõe, de forma aguda, a desigualdade de poder entre homens e mulheres, transformando o corpo feminino em espaço de disputa simbólica, econômica e afetiva. A partir dessas análises, é possível compreender *Balada de amor ao vento* como um texto que participa de uma intervenção literária e política, uma vez que evidencia a voz de Sarnau no centro da narrativa e, por isso, questiona a naturalização da poligamia e explicita seus efeitos sobre a subjetividade das mulheres, contribuindo para o debate afrofeminista e pós-colonial sobre gênero em Moçambique.

2.2 A poligamia como naturalização da subalternidade feminina

Desde o início do romance, a relação de Sarnau com o amor e com o casamento é mediada pela ideia de que o homem pode – e deve – ter várias mulheres. A fala da personagem “Eu aceito ser a segunda mulher, ou terceira, como quiseres. Se tivesses dez mulheres eu seria a décima primeira” (CHIZIANE, 2003, p. 29) revela uma subjetividade moldada por um discurso que associa amor à renúncia de si. Sarnau se dispõe a ocupar qualquer posição na hierarquia conjugal, desde que consiga permanecer ao lado do homem amado.

Essa disposição evidencia, como apontam as críticas sobre a condição feminina na obra de Chiziane, que as personagens internalizam normas patriarcais que naturalizam sua inferioridade, apresentando a subordinação como prova de amor e virtude. A poligamia, nesse sentido, não surge apenas como costume externo, mas como lógica que atravessa a subjetividade das mulheres e orienta suas escolhas, mesmo quando lhes causa dor.

2.3 Patriarcado, disciplina e violência simbólica

Ao longo da narrativa, as vozes das mais velhas – sogras, tias, mulheres da comunidade – funcionam como mediadoras do patriarcado, ensinando Sarnau a se comportar como “boa esposa”. O conselho “o homem é o Deus na terra, teu marido, teu soberano, teu senhor, e tu serás a serva obediente, escrava dócil” (CHIZIANE 2003, p. 45) sintetiza uma visão de mundo em que a autoridade masculina é sacralizada e a obediência feminina é revestida de honra e devoção.

As pesquisas sobre a ficção de Chiziane destacam justamente esse mecanismo de legitimação da subalternidade: as próprias mulheres, socializadas nessa estrutura, acabam por reproduzir discursos que reforçam o poder masculino, o que torna a opressão mais difícil de ser percebida e combatida. A poligamia, assim, aparece como ponto de convergência entre tradição, religião e organização familiar, transformando-se em um sistema em que a violência física e simbólica é apresentada como “disciplina” ou “correção”, como ocorre na cena em que o marido justifica a bofetada que dá em Sarnau como forma de ensinar-lhe a não sentir ciúmes.

Além da violência explícita, o romance evidencia a violência simbólica, isto é, aquelas práticas de desvalorização e silenciamento que se infiltram no cotidiano. Quando Sarnau é aconselhada a “fechar a boca” e “não chorar” ao ver o marido com outra mulher (CHIZIANE, 2003, p. 47), a dor feminina é deslegitimada, e a poligamia se afirma como regime em que o sofrimento das mulheres é invisibilizado em nome da preservação da honra masculina e da família.

2.4 Objetificação, economia do corpo e maternidade compulsória

Outro eixo importante da narrativa é a associação entre mulher, trabalho e reprodução, que evidencia a instrumentalização do corpo feminino no interior das relações familiares e comunitárias. Em metáforas como “o lar é um pilão e a mulher o cereal” (CHIZIANE, 2003, p. 48), o corpo da mulher é comparado a uma matéria-prima destinada ao desgaste contínuo, a ser triturada para garantir a manutenção e a felicidade da família. Essa imagem sugere não apenas esforço físico e emocional, mas também a naturalização do sofrimento feminino como condição necessária para a estabilidade do lar. Críticos da obra de Chiziane apontam que representações desse tipo evidenciam o quanto as personagens femininas são reduzidas a funções utilitárias -cozinhar, procriar, servir -, o que reforça a compreensão da poligamia não apenas como prática cultural, mas como um sistema econômico que organiza a circulação das mulheres entre famílias e linhagens. Nesse sistema, o valor da mulher é medido por sua produtividade doméstica e reprodutiva, sendo sua permanência no casamento condicionada ao cumprimento dessas expectativas.

Essa dimensão econômica aparece de forma explícita na passagem em que se afirma que a mulher deve parir filhos, “de preferência varões”, e que, caso o “rendimento” não alcance o patamar esperado, ela pode ser devolvida à família de origem para que se “recomece o negócio com outra família” (CHIZIANE, 2003, p. 68). A exigência da maternidade, associada à preferência por filhos homens, evidencia a centralidade da reprodução na legitimação da mulher dentro da estrutura familiar poligâmica.

A linguagem comercial utilizada por meio dos termos “rendimento, negócio e devolução” explicita relações de troca nas quais a mulher é tratada como mercadoria, confirmando análises que identificam na poligamia um dispositivo de controle da capacidade reprodutiva feminina, inserido em uma lógica patriarcal e patrimonialista. Desse modo, o romance evidencia como amor, casamento e maternidade são atravessados por relações de poder que reduzem a mulher a um recurso econômico e simbólico, apagando sua subjetividade e autonomia.

2.4. Impacto psicológico e ambivalência do amor

A dimensão talvez mais contundente da denúncia de Chiziane reside na forma como o romance representa o impacto psicológico da poligamia sobre Sarnau, evidenciando as marcas subjetivas produzidas por esse regime na vida das mulheres. Em cenas de intensa carga emotiva, como aquela em que a protagonista se percebe como um “cadáver” ao flagrar o marido com outra mulher em sua própria cama (CHIZIANE, 2003, p. 58), a narrativa explicita uma experiência de morte simbólica, de esvaziamento identitário e de anulação do eu, que acompanha a mulher inserida em uma estrutura conjugal fundada na desigualdade. Essa sensação de apagamento não se limita ao sofrimento momentâneo, mas revela um processo contínuo de desgaste emocional, no qual o corpo e a subjetividade femininos são reiteradamente desvalorizados. Ainda assim, o romance evita reduzir essa vivência a uma oposição maniqueísta entre amor e ódio. Sarnau reconhece que o marido a ama “com a sua maneira polígama de amar” e, simultaneamente, experimenta arrependimento, humilhação e desejo de morte (CHIZIANE, 2003, p. 117), o que evidencia a complexidade afetiva que marca sua relação com o casamento e com o próprio sentimento amoroso.

Essa dualidade em torno dos contrastes entre amar e sofrer, desejar permanecer e, ao mesmo tempo, querer desaparecer é central para a crítica de Chiziane, pois revela que o problema não reside unicamente no afeto em si, mas na forma como o amor é capturado e instrumentalizado por uma estrutura de poder desigual. Inserido em um sistema patriarcal, o amor deixa de ser experiência de reciprocidade e torna-se mecanismo de sujeição, por meio do qual se exige da mulher renúncia, silêncio e autossacrifício.

Pesquisas sobre a narrativa de *Balada de amor ao vento* apontam que a voz de Sarnau, ao expor suas contradições e dilemas, constitui-se como espaço de resistência simbólica, na medida em que torna visível aquilo que a própria tradição busca silenciar: a dor, a revolta, a frustração e o desejo de ruptura das mulheres. Desse modo, o romance articula denúncia e sobrevivência, mostrando que, mesmo em meio à opressão, há fissuras por onde a consciência crítica pode emergir e questionar a naturalização da violência e da subalternidade feminina.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Balada de amor ao vento* permite afirmar que, na narrativa de Paulina Chiziane, a poligamia é representada como sistema de opressão que articula tradição, patriarcado e economia do corpo feminino. Partindo da experiência de Sarnau, o romance evidencia como a sociedade moçambicana legitima a subalternidade das mulheres por meio de discursos de honra, amor e religiosidade, ao mesmo tempo em que naturaliza a infidelidade masculina, a violência física e simbólica e a objetificação da mulher como propriedade reprodutiva.

Ao dialogar com estudos críticos sobre a condição feminina em Moçambique e sobre a obra de Chiziane, percebe-se que *Balada de amor ao vento* antecipa e complementa discussões aprofundadas em outros romances da autora, como *Niketche: uma história de poligamia*, compondo um projeto literário que denuncia as estruturas de poder que silenciam as vozes femininas e, ao mesmo tempo, lhes devolve centralidade narrativa.

O romance mostra que a poligamia não pode ser compreendida apenas como herança cultural neutra; ela se revela, na perspectiva de Sarnau, como prática que fere a dignidade e a autonomia das mulheres, produzindo marcas profundas em suas subjetividades. Ao transformar essa experiência em literatura, Chiziane contribui para ampliar o debate sobre gênero, tradição e poder em Moçambique e no contexto mais amplo das literaturas africanas de língua portuguesa.

Logo, a obra reafirma o papel da literatura como espaço de crítica social e de construção de novos imaginários possíveis, em que a emancipação feminina e a revisão de práticas naturalizadas de opressão se colocam como urgências éticas e políticas.

4. REFERÊNCIAS

BOHRZ, Julian; ALÓS, Anselmo Perez. **O sol de Balada de Amor ao Vento**. [S.l.: s.n.], [s.d.].

CHIZIANE, Paulina. **Balada de Amor ao Vento**. 2. ed. Maputo: Ndjira, 2003.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **A condição feminina em Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane**. 2012. 170 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

MENDES, Renata Alves. **Poligamia e patriarcado na literatura moçambicana contemporânea**. Revista Letras em Movimento, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 112-128, 2020.

SANTOS, Gilberto Luis dos. **A representação da mulher na obra de Paulina Chiziane**. Revista de Estudos Africanos, Lisboa, v. 12, n. 2, p. 45-60, 2018.

SILVA, Mariana Ferreira da. **Gênero e opressão nas narrativas africanas**. São Paulo: Horizonte Literário, 2019.